

TCTDF

Tríade Color Teste Dinâmico Flash

De Corrado Malanga
31 de dezembro 2012

Este artigo descreve o procedimento final que permite, a quem o pratica, de adquirir a potencial capacidade de aceder à consciência di si próprio.

Neste teste, ou procedimento experimental, convergem todas as experiências teórico-práticas das nossas investigações no campo da percepção humana, aplicada ao estudo dos fenómenos exógenos ao planeta Terra. O precedente procedimento, no qual este se inspira, tinha como objectivo a tentativa de pôr remédio ao fenómeno das abduções alienígenas. Tínhamos de facto individualizado um procedimento denominado Tríade Color Teste Dinâmico (TCTD), que tinha dado óptimos resultados.

O processo do simples TCT previa uma simulação mental muito complexa, que era conduzida por um operador externo, que fazia simular ao abduzido um quarto mental completamente escuro, no qual estavam presentes algumas esferas que imitavam lâmpadas apagadas. Estas lâmpadas vinham acendidas (evocadas) mentalmente pelo sujeito abduzido, numa ordem bem precisa e idealmente simulavam as três componentes do próprio sê: mente, espírito e alma. Através de um simples mecanismo arquetípico, analisando as cores das três lâmpadas, podia-se obter um quadro psicológico preciso do sujeito examinado e das suas questões, seja que essas dependessem da presença da interferência alienígena, seja que dependessem do psiquismo próprio do sujeito, ligado às suas experiências de vida vivida.

No caso de sujeitos abduzidos, as cores das esferas luminosas vinham feitas corrigir do operador, fazendo alcançar o objectivo de obter as cores arquetípicas correctas identificadas em base ideico-estatística em verde, para a mente, vermelho para o espírito e azul ou amarelo para a parte anímica. Para um estudo aprofundado do mecanismo cerebral das ideias, ler os precedentes trabalhos e em particular aqueles que se referem ao TCT (Todas as cores da alma, do mesmo autor).

Pedia-se de seguida ao sujeito de individualizar a presença de outras esferas luminosas ao interno do seu quarto mental que correspondiam a intrusos de natureza alienígena. A mente do sujeito, arquetipicamente, vê os intrusos como esferas luminosas de cores apropriadas e, neste contexto, era possível identificar as memórias alienígena activas, os lux, os parasitas sem corpo e todos os micro-implantes eventualmente presentes no corpo do sujeito.

A esfera anímica vinha encorajada a eliminar mentalmente todos os objectos e os sujeitos estranhos ao quarto mental, com o próprio acto de vontade. Eliminavam-se depois as conexões de alma com os construtores deste universo virtual dual, com o Homem Primeiro com o correspondente sujeito do anti-universo e com a parte ainda hierarquicamente mais alta desta estrutura, identificável no mito indiano com as figuras dos criadores Shiva e Vishnu (Ler Génese III, do mesmo autor).

Uma vez que o sujeito se fosse diferenciado dos seus criadores manipuladores, pedia-se à parte anímica de visionar, através de um ideico scanner, o corpo do abduzido, verificando a presença de micro-implantares alienígenas e militares, destruindo-os um a um, com o próprio acto de vontade.

Sucessivamente pedia-se à parte anímica de procurar no espaço-tempo todos os contentores-cópia do abduzido, que vinham individualizados e eliminados através de um acto de vontade.

O exame da linha do tempo, conduzido pela parte anímica, verificava que no futuro e no passado não existissem mais cenas de abdução. O sujeito vinha assim completamente libertado do problema abdução. Em alguns casos fazia-se percorrer, através da consciência da própria parte anímica, um percurso que chamávamos “álbum de fotografias”, onde se individualizavam todas as tipologias dos alienígenas que tinham vindo a perturbar a existência do abduzido, para fazer tomar consciência à alma da situação passada: os alienígenas eram assim reconhecidos e identificados, a nível consciente, para evitar ulteriores abduções inconscientes.

Por fim as três esferas vinham unidas numa esfera só, de cor branca ou amarela, simbolizando a soma do vermelho, do verde e do azul ou do amarelo. A fusão das três consciências da tríade vinha

percebida ideicamente como a soma algébrica das três frequências no visível das três cores e a mente produzia automaticamente a cor soma.

Os resultados deste procedimento, que durava em média duas horas e quarenta minutos, previa de fazer adquirir à tríade, a necessária consciência para não se deixar mais submeter a acções de abdução, seja da parte de alienígenas, que da parte dos militares, que da influência de criadores cósmicos de vária natureza.

Os resultados, ainda se bons, não eram ainda óptimos.

Muitos sujeitos, depois do tratamento, adquiriam a capacidade de se defender do alienígena mas frequentemente, à causa de graves deficiências psicóticas precedentes, não eram capazes de manter esta posição no arco de toda a sua existência neste planeta.

Eram portanto necessárias ulteriores aplicações desta metodologia que aliás, se conduzida com suficiente experiência, conduzia contudo á liberação do abduzido que, no arco da própria vida, podia acusar ainda alguma recaída, determinada do facto que, na agenda aliena, não são previstas estratégias alternativas à clássica abdução.

O uso deste longo procedimento trazia consigo uma serie de insucessos totalmente determinados da falta de óbvia vontade dos mesmos abduzidos, no querer-se realmente libertar da matriz alienígena. Apareciam de facto, ao interno do abduzido, reacções psicóticas de vária origem, que levavam o sujeito mesmo a concluir que a vida com o alieno era melhor que aquela sem. O velho procedimento previa também a construção de um sino ideico protector que teria envolvido o quarto mental do abduzido, fazendo de modo que a imagem ideica do alienígena ficasse de fora do mesmo, não podendo mais invadir o contentor (o corpo) do abduzido. Esta barreira, vinha garantida da energia da parte anímica que vinha posta de guarda da tríade, ao interno do mesmo contentor humano, feito assim inexpugnável.

Mas mesmo fazendo assim, notávamos que todas as vezes o Super-Eu do sujeito, ou seja a auto-estima que ao Super-Eu é ligada, vinha a faltar, a barreira mental tornava-se frágil e mais cedo ou mais tarde caía sob as insistentes manobras alienígenas.

O novo procedimento.

No último ano, pudemos efectuar ulteriores observações experimentais que nos conduziram a individualizar erros processuais contidos no velho TCTD. Tais novas observações emergiram de um estudo, a nível quântico, do universo. Em particular a compreensão que o universo não é dual punha-nos de frente à ideia que não existe separação.

A dualidade, como tivemos modo de descrever na terceira parte da trilogia do título Génesis, que publicamos há algum tempo, é um engano perceptivo da mente humana. O universo vem erradamente vivido como uma espécie de dupla hipótese dual, onde os extremos pertencem a duas categorias diferentes. Bons e maus, aceso e apagado, patrões e escravos, ricos e pobres mas também operadores hermitianos lineares de sinal oposto, como o + e o - ou os versores de espaço, tempo e energia potencial, eram só ilusões perceptivas. Neste contexto, o dualismo onda-partícula vinha reformado numa óptica não dual, ligado á aquisição-de-consciência da consciência e não a esquivos parâmetros escondidos, tanto procurados e nunca encontrados da física moderna.

A suposição que o universo virtual não é dual, fazia-nos compreender que qualquer coisa tinha tentado fazer-no-lo crer. Descobria-se que a dualidade é um sistema para categorizar o Homem, para o fazer acreditar de ser responsável de um frente que se opõe a outro frente. O dualismo era o sistema com o qual os alienígenas e os alienados tentavam constranger o homem a fazer batalhas que não eram suas. A ideia do dual previa que as frentes se chocassem em eterno e a fórmula do divide e impera, teria funcionado até ao instante em que alguém não se fosse apercebido do engano.

Algumas observações no campo da física quântica tinham-nos permitido compreender como a dualidade não existia se não como forma falsa perceptiva. Entendíamos que o segundo princípio da termodinâmica era de rever onde a entropia do universo devia ser posta em relação, não tanto à energia do sistema, mas à aquisição-de-consciência do sistema que além do mais é ligada à sua energia.

Mas a conclusão de todas estas observações portavam numa só direcção. Se não existe a dualidade,

o universo não é dividido em dois sob-universos mas é uma única caixa na qual existem tantos seres vivos com graus de consciência diferente, numa vasta gama de tonalidades. Tal percepção diferente do universo vinha trocada por visão dual do mesmo.

O universo não é dual em si, mas fica dual porque percebido como tal, de consciências não integradas. Por conseguinte, se não existiam barreiras categorizantes, não podíamos, no TCTD, levantar uma barreira que tivesse o abduzido fechado numa gaiola construída por ele mesmo. Não podíamos esperar que a gaiola fosse realmente protectora em quanto a existência da própria gaiola, edeicamente, era a representação da possibilidade de abater os confins. Se não existem confins não é possível abatê-los. O abduzido não devia defender-se do alienígena com uma barreira; assim não se podia ter alma, mente e espírito separados, ainda que unidos, mas uma soma de três esferas que podiam sempre ser voltadas a levar a uma posição original, restabelecendo a separação entre essas.

Não existia separação entre as componentes da tríada pois que essas eram estadas separadas, no Início, dos mesmos construtores da dualidade. A consciência do Homem, isto é, a Criação, não pode ser manipulada por ninguém e para obter a manipulação é necessário separar a consciência em três sob-consciências categorizando-as. Na realidade descobria-se que alma, mente e espírito, existem só na nossa percepção dual mas essas são três partes de uma única parte original, a Consciência. Essa é de todas as cores porque alma, mente e espírito, são de todas as cores. Cada cor representa idealmente uma possibilidade de manifestar-se e assim como a consciência pode ser tudo, eis que as suas três componentes não existem mais quando readquirem a consciência de ser estadas divididas precedentemente.

A soma de alma, mente e espírito, não podia ser uma esfera idealmente branca porque o branco é a soma algébrica das três frequências, próprias da manifestação da tríada, mas não uma completa integração delas. O branco pode ser recomposto nas três cores originais, tornando recuperável também a separação e com essa a abdução alienígena.

A soma total das cores prevê que a esfera final da consciência integrada no universo virtual seja de todas as cores não sobrepostas mas integradas numa cor soma total. Tal cor é a não cor.

Idealmente a “nenhuma cor” vem percebida da mente humana, como o tudo e o nada, que têm, segundo a física do Zero Point Energy, o mesmo idêntico significado. De facto se consideramos que um ponto do espaço seja vazio devemos perguntarmo-nos se é vazio porque não tem nada ou é vazio porque naquele ponto tem o tudo e o contrário de tudo que se aniquilam reciprocamente. E eis que o tudo e o nada se tornam a mesma coisa. A esfera transparente é o nada que idealmente é tudo. Mas sendo que a esfera transparente não há nenhum tipo de consistência, a essa, nada se pode enganchar. A esfera transparente evoca a representação ideica da onda quântica.

O conceito de onda e partícula vem enganchado ao conceito de consciente inconsciente. Quando a consciência é onda essa apresenta-se como inconsciência. Sabe-se que existe mas não se sabe onde é localizada no espaço tempo. Em palavras pobres é invisível porque está em toda a parte contemporaneamente. Ao contrário, a partícula é a representação ideica da consciência total. A consciência integrada sabe de poder ser seja onda que partícula e a decidi-lo é ela mesma. Apresentar-se ao alienígena como onda quer dizer ser, de frente ao alienígena, completamente transparente e invisível mas, de um ponto de vista quântico, assume o significado de rejeito da experiência aliena, com consequente ausência de interação. O fenómeno físico torna-se assim perceptível só como onda e não localizado como partícula. Ser partícula quer dizer aceitar a experiência da interferência.

Este conceito pode ser ensinado à consciência integrada idealmente e tal consciência adquire o conhecimento de saber fazer uma coisa só, decidir, milhões de vezes ao dia, di frente a todo o universo, se participar a uma experiência, e ser partícula de frente a ela, ou recusar a experiência e “não se deixar encontrar por ela”, assumindo o aspecto de onda. Ser onda significa que “sei que estás, mas não sei onde nem quando”.

Em termos mais simples, a consciência integrada sabia agora como tornar-se invisível á experiência alienígena.

A nova parte experimental do tríade color teste dinâmico flash (TCTDF), que dura não mais de quinze minutos, numa só aplicação, torna irreversível a fusão da tríade, ensina à consciência

integrada os conceitos virtuais da física quântica, num modo a ela compreensível e torna qualquer um que faça correctamente este exercício, integrado consigo mesmo.

O procedimento não é construído para salvar o Homem do alienígena mas para fazer sim que o Homem adquira conhecimento de si próprio. Naquele instante, se o sujeito que pratica a técnica fosse abduzido, libertar-se-ia imediatamente e para sempre do seu problema. Se o sujeito nunca foi abduzido, liberta-se entretanto da sua ligação com a criação de falsos Deuses e Demónios que, sobre ele não terão porém nunca mais poder.

O universo não local e a experiência da abdução.

O TCTDF não prevê a destruição de microchip, não prevê a destruição e a procura de cópias, não evoca nenhuma imagem de alienígenas, não evoca nenhum tipo de recordação virtual, não corrige as cores da tríade e não é portanto traumático. Prevê estados de auto-hipnose muito ligeiros, facilmente modificáveis, segundo as exigências. Vai sublinhado que sendo o universo não local e não existindo o passado ou o futuro mas só o presente, o procedimento produz um efeito imediato sobre a Time Line da velha Programação Neuro-Linguística (PNL).

De facto, no mesmo instante em que as três esferas da tríade, qualquer que seja a cor que tenham, se unem e alcançam a perfeita transparência, essas não só são integradas numa única essência cosciencial irreversivelmente mas resultam como nunca separadas no asse do tempo.

As funções de onda quântica do passado e do futuro colapsam no presente dando realidade só a esse. Neste contexto, se a consciência total vem reconstruída, essa resulta como nunca dividida antes mas, se a consciência nunca esteve dividida ninguém nunca a pôde manipular. Isto provoca experimentalmente o efeito que, no átimo da fusão, desaparecem todas as memórias das abduções passadas, desaparecem todos os microchip que um abduzido tem em si, eliminam-se de um golpe só todas as cópias do abduzido que nunca foram formadas.

A experiência abductiva fica como “feita” mas não se há mais a lembrança, visível por parte da mente, de um vivido que, nesse ponto, é como se nunca tivesse existido porque pertenceria a um passado modificado e portanto actualmente nunca existido.

O novo procedimento garante além disso o total livre arbítrio da consciência integrada. A esfera transparente da C.I. pode decidir, em qualquer momento, de ser onda (esfera transparente) ou partícula, de ser visível ou invisível, de querer interagir ou querer recusar a experiência.

O novo procedimento não prevê a eliminação física do alienígena mas simplesmente a transformação do evento abductivo em onda. Neste contexto a consciência integrada torna-se invisível ao alienígena que tecnicamente não tem mais a possibilidade de interagir com o evento. Numa outra acepção, a consciência integrada, torna onda o alienígena. O alienígena não vem destruído mas simplesmente, a probabilidade de encontrá-lo pela frente, vem minimizada a um valor positivo mas arbitrariamente pequeno.

A probabilidade de ter o alienígena de frente a si torna-se assim tão pequena que o alienígena não pode mais ser identificável. Este é o resultado que, em termos virtuais, se transforma na recusa, por parte da consciência integrada, da experiência; mas em termos quânticos lê-se como um resultado probabilístico estatístico, que parte da assunção que nós somos aqueles que constroem a virtualidade e que nós interagimos com essa, mas só se queremos. Não são os instrumentos a fazer as medidas mas nós a produzi-las, como recentemente demonstrado por alguns experimentos de termodinâmica quântica (lê Génese III, do mesmo autor).

Deve também ser sublinhado que o tratamento quântico dos eventos pode ser efectuado só em contextos microscópicos (o mundo das partículas físicas elementares). De facto, seja as componentes da tríade que a consciência integrada, são semelhantes, em tudo e por tudo, às componentes microscópicas da física quântica bohmiana.

Não existem fracassos da técnica.

É preciso sublinhar que hoje cada técnica tem pontos débeis ou contudo é preciso conhecer-lhes os limites. O TCTDF não tem propriamente nenhuma falha mas isto não quer dizer que o sujeito não será mais retomado, se abduzido. O sujeito será retomado se a sua consciência integrada o desejará.

Existem muitas pulsões que podem influir nesta direcção. Um sujeito abduzido e libertado do problema à mais de um ano, vem retomado ou melhor entra novamente em contacto com espécies alienígenas, durante uma noite particular. Ao outro dia são bem visíveis algumas equimoses no corpo do ex-abduzido.

A reconstrução do episódio, mediante a técnica das âncoras (PNL), põe em evidência dois factores importantes. Durante a noite os alienígenas tinham entrado na casa do sujeito mas este descreve-os como se eles não o tivessem visto.

Os alienígenas de facto passam a direito e do quarto do abduzido acabam no quarto do seu irmão, ele também no problema.

O sujeito ex-abduzido libertado, pensa, dentro de si, que deve defender o irmão: mas naquele momento inconscientemente decide de re-aceitar a interferência aliena, retornando visível.

Daí nascerá uma verdadeira e própria luta com os alienígenas, cujos efeitos virão à luz, no dia seguinte, ao despertar.

O segundo efeito foi o notar que, neste caso porém, o nosso ex-abduzido não foi retomado porque não pode mais ser re-separada a consciência integrada e, sobre ela, não se pode nunca mais agir.

Algum outro caso em que o contentor é retomado parece seja devido ao facto que o ex- -abduzido decide de se vingar e guarda um profundo rancor contra os seus abdutores que são considerados aqueles que arruinaram a existência do raptado. Naquele instante o sujeito inconscientemente predispõe-se a vingar-se e portanto re-aceita o confronto com o alieno que tornará a incomodar o abduzido, incapaz de libertar-se do seu problema não resolvido a nível psicológico.

Esta técnica pode ser aplicada também a pessoas que não sabem nada de alienígenas, que não têm consciência da sua situação, que não têm lembranças, a nível consciente, de algum tipo. Mas depois do tratamento, a consciência integrada, nestes casos específicos, pode decidir de recordar as experiências das quais tomou consciência, mas não mais a viva recordação. Nestes casos, parece que a consciência integrada se ponha em boa mostra em frente do alieno para se deixar retomar e para jogar um jogo que pode até ser perigoso, mas que no entanto não leva mais à submissão da esfera transparente ao alieno. A esfera transparente não é nunca mais retomada.

Nesta fase é importante integrar a esfera transparente com o próprio contentor, caso contrário o contentor ainda será retomado mas a esfera transparente não poderá mais ser manipulada. Este facto, leva o sujeito, sobretudo se fêmea, a ser ainda utilizado para procriação aliena. Ensinar á consciência integrada a integrar-se com o próprio contentor é a única via de saída deste inconveniente.

O que é a Consciência Integrada.

Por consciência integrada entende-se aquela parte de consciência primordial que criou o universo virtual, que no entanto é integrada na virtualidade, tendo tomado consciência de espaço, tempo e energia. Trata-se de uma consciência que, sendo a soma das suas três componentes, com características também virtuais, sabe que o universo é uma sua criação, sabe o que quer dizer espaço e tempo e energia, fala em neutro e não ao feminino como a velha parte anímica, domina o espaço, o tempo e a energia, é potencialmente capaz de exprimir-se para-normalmente, usa o contentor para fazer experiência.

Portanto, uma vez que a consciência integrada deve fazer experiência, ela não adquiriu consciência do Tudo pois que, se tivesse adquirido consciência, não teria necessidade de se integrar no universo virtual por ela criado.

Fazer a experiência do TCTDF torna o Homem integrado e não mais dividido nas suas três componentes, trazendo-o à condição ORIGINAL: mas isto não prevê a experiência prefixada que deve ainda ser completada.

Quando a experiência do TCTDF foi efectuada, o mapa descritivo do território de cada um muda e aparecem ao sujeito os verdadeiros problemas da virtualidade que ele decidiu afrontar e muitas vezes tudo isto cria também átimos de confusão que, ao extremo, poderiam fluir hipoteticamente também no acto decisório, da parte da consciência integrada, de voltar atrás. São melhores os alienígenas ou as dificuldades da vida quotidiana? A consciência integrada que deve fazer

experiência tem libero arbítrio e pode escolher sempre, mas a escolha eventual e raríssima de voltar atrás não é representativa da falência da técnica, antes pelo contrário é uma evidente prova de sucesso, remarcando que neste universo, o livre arbítrio fica totalmente absoluto.

Nos casos por nós tratados num ano de tempo, nenhuma consciência integrada se deixou mais retomar, alguns contentores tiveram algum pequeno e chato problema com a tendência à resolução total no tempo, um só caso manifestou a ideia de retornar ao fenómeno por própria escolha mas depois, até hoje, não o fez.

A C.I., dum ponto de vista quântico, possui os três vectores de espaço, tempo e energia que lhe permitem exprimir-se na sua criada realidade virtual enquanto os três vectores de aquisição-de-consciência que, como dissemos em Génese III, representam o único modo de medir indirectamente a consciência em si, sobrepuseram-se perfeitamente, tornando-se um único vector de aquisição-de-consciência (agente em todas as direcções como multi versor N.d.A.). Vai recordado que os três vectores da aquisição-de-consciência de alma, mente e espírito, quais produtos vectoriais das duas componentes que caracterizam cada um dos três elementos, são “não permutáveis” entre eles. Isto é, estão postos a noventa graus entre eles e não se podem sobrepor naquela que era a esfera branca que obtínhamos no final do TCTD clássico. A esfera transparente, uma vez que vem reduzida a um ponto, no procedimento que veremos de seguida, produz a sobreposição final dos três vectores de aquisição-de-consciência, destruindo ainda mais e até ao fim, a separação esquizóide entre espírito e alma e mente, que originava um ser imperfeito e sobretudo decididamente vulnerável por falta de coerência interna.

As características da consciência integrada mais evidentes, se posta em hipnose profunda, são as seguintes:

O sujeito fala ao masculino (neutro)

- O sujeito sabe que construiu o universo mas não sabe porque o fez desta maneira.
- O sujeito sustem que o Ser existe porque se manifesta no fazer.
- O sujeito sustem que o dual não existe e se existe é porque faz, e para ser tudo, deve fazer tudo.
- O sujeito vê e percebe o universo de maneira totalmente virtual, como uma construção falsa, sem solidez aparente.
- A consciência integrada vê o universo também em modo real. Real e/ou virtual juntos. Aprende a ser observador de si mesmo desde infinitos pontos que observam na direcção do seu centro e do centro olhando para infinitos pontos.

Através a realização da consciência integrada pode-se viajar na virtualidade procedendo a visões em qualquer espaço e tempo, enquanto devagar devagarinho surgem aspectos de natureza para-normal sempre mais evidentes na vida de todos os dias.

A técnica opera sobre si mesmos.

O TCT clássico previa, pela sua complexidade e duração, o emprego de uma ajuda externa. O condutor conduzia o sujeito na simulação mental, fazendo-o percorrer todas as etapas necessárias, até ao fim, ao alcance da esfera branca da consciência. Durante a experimentação da nova técnica, apercebemo-nos, ao início, de alguns fracassos parciais que se obtiveram e no andar a procurar as causas, embatemo-nos na teoria do efeito-espelho.

O universo, segundo as nossas concepções, é de natureza holística, isto é, (não) separado do tudo, como de resto se supõe que seja, verificando as equações da física de Bohm. Neste sentido as reacções que um outro tenha comigo dependem exclusivamente de mim. Se alguém guerreia comigo é porque dentro de mim eu não atingi a harmonia. De facto se eu por exemplo entro numa sala onde tem alguém antipático mesmo se não digo nada, ele perceberá, dentro de si, a minha hostilidade e bastará um qualquer gesto meu para produzir uma reacção violenta contra mim. Naquele momento eu ficarei autorizado a responder porque tecnicamente não comecei primeiro mas na realidade tive, primeiro, uma reacção negativa contra o outro. Neste contexto o outro se revoltará

contra mim, porque eu, através de um campo morfogenético local, terei comunicado o meu mau-estar para com ele.

Tínhamos depois notado que alguns sujeitos tinham substancialmente partes do método que eram duras à compreensão e que, se não compreendidas, produziam problemáticas no pós-tratamento. Alguns abduzidos não compreendiam os efeitos quânticos de onda e partícula. O alienígena não os retomava mais mas estes abduzidos não conseguiam tornar-se invisíveis ao próprio alienígena, que de qualquer maneira ficava passivamente presente nas experiências quotidianas. Outros abduzidos tinham dificuldade a separar-se da figura do alienígena pois que o abduzido não compreendia a ideia que o passado não existe e portanto ficava vinculado a ele.

De uma análise mais profunda que fiz seja sobre mim que sobre alguns colegas que praticavam o TCTDF em fase experimental, podia notar como durante a aplicação do teste, a palavra assumia uma importância profunda mas por detrás da palavra existia um outro tipo de meta-comunicação mais profunda e eficaz. Durante o teste, o condutor produz um tipo de situação em que ele passa um pacote de informações que migram da própria consciência à consciência do abduzido. Sempre que o abduzido seja capaz de querer adquirir o pacote informativo, ele obtém todas as informações que o condutor lhe passa. Noutras palavras, o TCTDF poderia ser conduzido também em total silêncio e o resultado seria provavelmente o mesmo. Mas dado que os seres humanos usam a fala nesta virtualidade para simplificar (não sei até que ponto: N.d.A.) as coisas, usámos o Verbo para ensinar à consciência o que é a quântica. Mas naquele contexto, se o meu pacote informativo consciencial tem alguma dissonância, eis que eu a transmito ao outro completamente.

Façamos um exemplo simples: se eu tenho algum problema irresoluto com o meu passado e conduzo um TCTDF sobre um sujeito abduzido, eis que ele se libertará do alienígena de modo total mas possivelmente continuará a ver a sua imagem ao lado da cama de noite, enquanto procura dormir. A minha incapacidade de libertar-me do meu passado estava re-endereçada ao abduzido que, se não tem informações contrárias, não sabe gerir esta parte da virtualidade e sofrerá do meu mesmo problema. Por outras palavras ainda, se eu vou ao médico com uma constipação e quero ser curado, não devo ir a um médico constipado porque ele não me poderá curare, não tendo ele mesmo vencido o seu problema.

Era claro que este tipo de meta-informação não só agia a nível de TCTDF mas constantemente em todas as relações diárias entre os seres vivos.

Era também claro onde, no passado, tínhamos parcialmente fracassado e onde o, por assim dizer, “velho designado” aos abduzidos, fracassava. Se não és puro como um cristal acabas por sujar também o teu paciente e esta podia ser uma das razões pela qual alguns abduzidos não se libertavam completamente do problema, excluindo os casos em que a vontade do sujeito permaneceu contra.

Portanto, em linha teórica de princípio, ninguém pode efectuar um TCTDF sobre outros, a menos que não seja perfeito dentro. Vai também dito que não existem, que eu saiba, pessoas perfeitas dentro e vai também sublinhado como o TCTDF que o nosso grupo efectuou até agora, na experimentação geral, tenham ido todas a bom fim, mesmo se com ligeiras peças.

A coisa melhor a fazer era construir uma parte experimental simples que cada um pudesse efectuar sobre si mesmo, tendo cuidado de manifestar um forte acto de vontade no resolver as próprias problemáticas. Ressalta-se nesta sede como a percentagem de sucesso do TCTDF é estreitamente ligada à compreensão das coisas que se estão a fazer. Não se pode efectuar o teste lendo simplesmente a parte experimental que segue, como se fosse um ritual da igreja católica ou da receita de um doutor qualquer, mas deve-se compreender exactamente o que significa cada singular passagem. Por isto quem quer efectuar o teste sobre si mesmo, tem que ler, estudar, compreender, muitas das coisas que escrevi precedentemente. Tem que ter claro o significado dos três trabalhos intitulados Génesis, do primeiro ao terceiro, tem que compreender como funcionam as simulações mentais e estudar a teoria do TCT clássico. Erros interpretativos poderiam invalidar o inteiro procedimento por um lado, mas por outro sabemos que as informações importantes estão já à disposição de todos, a nível de grelha holográfica que através do campo morfogenético estão já, desde sempre, disponíveis a cada um. Os sujeitos a quem praticámos o TCTDF em fase experimental, têm que compreender que se depois da aplicação do teste, tivessem ainda dúvidas e

incertezas sobre algumas situações da própria vida, é porque o teste te integra, abolindo a dualidade, permitindo a consciência de poder fazer imperturbada o seu trabalho no contentor; mas o sistema não ajuda a resolver o próprio “destino” (caminho experiencial), que deve ser resolvido por si mesmos. Em particular, as pessoas que efectuaram o teste não devem endereçar-se mais a mim ou a outros para as próprias questões irresolutas mas perguntá-lo directamente à própria consciência integrada que é perfeitamente capaz de esclarecer qualquer aspecto da realidade ou contudo é, e representa, aquela consciência que deve resolver as coisas irresolutas.

A harmonia final é o resultado a obter, não mais banalmente, expulsar um alienígena que a este ponto, se bem que nos tenha destruído a vida até hoje, não representa mais nenhum sério perigo para nós.

Pergunta portanto a ti mesmo, à parte divina de ti mesmo e esta parte responderá sempre. A doença é só um estado de incompreensão devida à separação enquanto a cura está na aquisição de consciência. Neste contexto é evidente como o TCTDF sirva a todos seres humanos porque ajuda na integração com o eu profundo e liberta da escravidão dos falsos Deuses e verdadeiros Demónios que têm, como o mito conta, procurando viver em eterno sem se sujar as mãos através da experiência da dor vivida por outros.

O universo dual prevê que o amor e o ódio sejam na realidade, uma única manifestação de uma única medalha com duas caras. Os nossos governantes Deuses, decidiram fraudar o jogo e fazer sair sempre cara e nunca cruz, fazendo assim só metade experiência e sendo assim só metade de si mesmos. Nós decidimos ao contrário, de ser tudo e por isto fomos instrumentalizados na tentativa de nos roubarem a parte experimental que faltava a outros.

Este roubo é só a representação de uma consciência pobre, e determinada da não compreensão que somos todos um. Assim quando se compreende isto entende-se também como funciona o espelho. Os humanos viam nos alienígenas assim desprezáveis, a parte desprezável de si mesmos e os alienígenas viam na fragilidade humana a própria fragilidade.

No instante em que o dual morre, cada um de nós torna-se consciente de si mesmo. E daquele momento espelhar-se há só em si mesmo, porque dentro de si há o universo inteiro com todas as respostas a todas as perguntas.

TCTDF: parte experimental.

Certificai-vos de não ser perturbados, relaxai-vos normalmente e fechai os olhos.

Imergi-vos, no escuro do vosso quarto-mental. Um quarto no qual vós estejais no centro e onde tudo é escuro. O vosso quarto-mental. Sabeis que neste quarto estarão lâmpadas que provavelmente não vereis porque normalmente estão apagadas mas poderiam também estar já acesas. Se não estão, acenderei-as uma de cada vez. As vossas três lâmpadas são: a mente, que acendereis primeiro, o espírito que acendereis em segundo lugar e a alma que se acenderá em terceiro lugar.

Observai estas três lâmpadas que estão no vosso quarto-mental, o vosso eu, a vossa essência. Observai-lhes a posição, a cor, o tamanho, a distancia entre vós e a altura desde o chão do quarto. As únicas fontes de luz, no vosso quarto, são as três lâmpadas. Poderíeis ver só uma lâmpada como soma das três mas, se virdes três individualizai a lâmpada que representa a vossa parte anímica e metei-lhe um braço dentro. Escutai e percebei que sensação táctil que tendes. Que se sente dentro da lâmpada de alma? Calor ou frio, denso ou sólido, líquido ou gasoso? Sente-se qualquer odor particular ou qualquer som particular?

Perguntai-lhe se ela se lembra de quando, no início do tempo, é unida às outras duas esferas de mente e espírito que, naquele instante, ainda não existem, antes da separação actual.

Perguntai à vossa alma de retornar àquele ponto, quando alma, mente e espírito são uma coisa só e não existem três consciências mas uma só. Devagarinho, devagarinho chegarão sensações e imagens daquele instante. Perguntai agora à alma se quer voltar àquele estado primordial. Observai e fazei observar à vossa esfera anímica o que acontece e porque a esfera da consciência se separou em três sob-esferas. É bem tomar consciência do todo. Quando alma decide, se decide, de voltar como naquele instante, a ser uma coisa só e não mais dividida com mente e espírito, pedi-lhe que se una às outras duas esferas, fazendo-lhe notar que não existe uma cor específica para alma, mente e

espírito mas que, sendo partes de um todo, essas na realidade podem assumir qualquer cor que desejem. Se alma quer provar a mudar de cor, assim como mente e espírito, elas notarão que podem adquirir qualquer cor: sendo que elas são tudo e cada cor representa uma coisa que se pode ser. Procedemos agora á fusão das três lâmpadas numa lâmpada só que terá primeiro todas as cores. Uma lâmpada em que cada pontinho luminoso será de uma cor diferente, tanto que, se se observa a lâmpada de longe, essa aparecerá inexoravelmente branca; mas, de perto, poderia assumir todas as cores do universo.

Neste ponto dissei mentalmente á esfera luminosa, soma das três esferas originais que, para fazer a fusão, não basta somar-se deste modo mas precisa fundir-se irreversivelmente numa coisa só, uma esfera que tenha uma só cor, a cor que representa todas as cores, a cor transparente.

Quando a esfera se transformará na esfera totalmente invisível (sem nem sequer poder distinguir os bordos), naquele instante, a consciência integrada tornará a SER. Deverá dizer-se á consciência integrada que o nada e o tudo são a mesma coisa mas que, agarrado ao nada, nada pode estar. Se naquele instante a esfera se torna transparente, não há mais alienígenas ou outras coisas que a possam perturbar, porque se estivessem ao interno de uma estrutura transparente, eles ver-se-iam e cairiam ao chão.

Naquele instante far-se-á notar á esfera da consciência integrada, que não existem mais barreiras entre alma, mente e espírito, que não existem mais, e que nunca existiram pois que o passado foi modificado e ninguém pôde utilizar as esferas originais separadas porque essas nunca o foram, já que agora tornadas unidas.

Agora, no quarto mental, entrai com o vosso corpo na esfera transparente. Ela e vós sois a coisa do costume. Ela toma a vossa forma e se adagia no vosso contentor, fazendo o contentor tornar-se uma imagem de si mesma. Tu tornas-te esfera transparente.

Não existem mais barreiras; as paredes, o chão e o tecto do quarto, não têm mais razão de ser. A consciência integrada, abate as barreiras, criadas por ela própria, do quarto-mental, que agora se debruça sobre o infinito total. Espera alguns instantes e observa o infinito total, assim como te aparece. Contempla o lugar onde existes.

Depois de alguns instantes, pede á tua esfera transparente de escutar o universo tornando-te tu mesmo o universo. Para fazer isso, pede á esfera de expandir-se lentamente. Tu expandes-te lentamente até aos confins do universo, sem presas, devagarinho, devagarinho. E enquanto te expandes tocas o universo que tu mesmo criastes, até ao fim, até ao actual limite. A tua esfera transparente respirou num único grande respiro, englobando nele todo o universo absorvendo-o dentro de si.

Como em um grande respiro. Por um instante, que dura uma eternidade, escuta o teu universo, onde tu és tudo.

Toma consciência do teu corpo porque é como tomar consciência do inteiro universo. Depois expira e contraindo-te torna-te mais pequeno. Faz de modo que a tua esfera transparente, colada ao teu corpo físico, se torne uma esfera cada vez mais pequena: mas, ao fazeres isto, leva-te dentro todo o universo que englobaste, fazendo-o ficar, ele mesmo muito pequeno, devagarinho, devagarinho, sempre mais pequeno, sem presas, até se tornar um pontinho infinitesimal com todo o universo dentro. Saboreia por alguns instantes esta sensação muito particular e volta agora á tua dimensão originária.

Agora a tua consciência integrada, sabe que pode respirar e tornar-se uma grande onda, uma grande esfera ou um pontinho pequenino, pequenino.

Quando é grande onda ela está em todo o lugar e por isso em nenhum lugar em particular. Naquele estado, ela é completamente invisível. Quando, ao contrário é uma pequena partícula, ela é visível como tal e pronta a interagir com o todo. Fala a ti mesmo, qual esfera integrada e explica á tua esfera integrada que pode sempre existir nestes dois estados e mostrar-se como onda ou como partícula, sendo invisível ou visível de frente a qualquer experiência da realidade virtual.

Recorda, no final de tudo isto, que a consciência integrada usa o próprio contentor (o corpo), para fazer a experiência que ela veio fazer neste contexto virtual e que não está bem que o próprio contentor venha capturado por outros e que é necessário proteger o próprio contentor enquanto

expansão e vestido da consciência integrada.

Ficai por alguns instantes a escutarem-vos a vós mesmos, como nunca o tivestes feito antes e observai o universo á vossa volta.

Conclusões.

O exercício, se efectuado sem negligenciar nenhum parâmetro daqueles descritos, não deve ser feito porque a fusão das esferas em uma única esfera é irreversível.

As experiências sucessivas deste tipo que o sujeito querera conduzir, levá-lo-ão a viajar no universo sem mais necessidade de visualizar a sua esfera transparente externa a si mesmo, porque ele é a sua esfera transparente. Se a esfera vem vista do exterior e vem vista opaca, isto significa que, numa eventual abdução, o corpo do sujeito foi retomado.

Tudo isto parece poder-se deduzir, sobre base da experimentação até agora concluída.

Deve-se sublinhar como no quarto-mental, no início, se possam encontrar menos de três esferas seja porque elas poderiam já estar fundidas numa só esfera transparente, seja porque algumas esferas poderiam assumir a cor preta e sendo o quarto-mental escuro, elas poderiam não ser claramente visíveis. Se se apresenta esta eventualidade, unir as esferas igualmente, ainda se algumas delas não resultam visíveis e proceder como descrito anteriormente. No quarto-mental poderiam estar mais de três esferas mas neste caso individualizar as três esferas de alma, mente e espírito e trabalhar com essas, negligenciando as outras, que desaparecerão depois da concluída a fusão da consciência integrada.

Aqueles que o desejem, podem efectuar, sobre si mesmos, a simulação mental, tendo cuidadosamente estudado toda a teoria que existe por trás desta aplicação. Alguns sujeitos poderão ser ajudados por outros a efectuar o percurso desta simulação mental mas aconselha-se vivamente de efectuar SOZINHOS todo o percurso. Usualmente retemos seja necessário sublinhar que sujeitos que sustêm de não serem capazes de efectuar esta simulação, de maneira independente, na maioria dos casos, desejam só pôr nas mãos dos outros, a responsabilidade da própria existência.

Seria inútil ajudá-los.

A todos aqueles que não compreendem o tipo de abordagem que empreendemos, sugiro, antes de exprimir um qualquer juízo em mérito, de fazer esta simples experiência e de a compreender a fundo, enquanto não é possível falar de alguma coisa que não se conhece se não se fez a experiência dela.

Não se deve nunca ter medo porque não há nada no universo de que ter medo fora a própria ignorância.

Boa viagem.